

A TRAJETÓRIA DA ESTILISTA DE MODA MONA GOROVITZ: UM RECORTE DE SUA PRODUÇÃO NA METADE DA DÉCADA DE 1960

THE TRAJECTORY OF FASHION STYLIST MONA GOROVITZ:
A CUTTING OF HER PRODUCTION IN THE MIDDLE 1960'S

Walter Karwatzki

Doutor em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

E-mail: walter.karwatzki@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5298-6914>

Airan Milititsky Aguiar

Mestre em História e doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).

E-mail: sereonada@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4353-9204>

Recebido em: 9 de outubro de 2022

Aprovado em: 6 de dezembro de 2022

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 20 | n. 1 | p. 36-61 | jan./jun. 2023

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1.3189>

RESUMO

Este artigo apresenta a produção da estilista de moda brasileira Mona Gorovitz (Cruz Alta – RS, 1937), em um período da metade da década de 1960. O recorte aqui apresentado representa o ano de maior produtividade de Mona Gorovitz, e é realizado através do acervo de croquis de moda da própria estilista. O seu grande acervo de croquis de moda vai do ano de 1958 até o ano de 1994 – somando cerca de 445 croquis. A importância destes croquis é que eles revelam, além de sua atuação como estilista, uma rica fonte de informações da estética visual das vestimentas de épocas variadas e apresenta, ainda, graças às amostras de tecidos existentes em vários croquis, o que podemos chamar de índice da produção da indústria têxtil do Brasil ao longo do período em que Gorovitz atuou como estilista de moda. Mona foi responsável pelo editorial de moda e criadora de coleções para a revista *Claudia*, além de ter criado vários figurinos para programas de televisão, filmes e cantoras da época. Poucas são as referências sobre a trajetória de Mona Gorovitz como estilista de moda. Assim, este artigo torna-se de grande importância para a construção de um referencial sobre sua trajetória.

Palavras-chave: Mona Gorovitz. Estilista. Moda. Anos 60.

ABSTRACT

This article presents the production of the Brazilian fashion designer Mona Gorovitz (Cruz Alta – RS, 1937) in a cut in the mid-1960s. The clipping presented here represents Mona Gorovitz's most productive year, and is made through the fashion sketch collection of the stylist herself. Her large collection of fashion sketches spans from 1958 to 1994 – totaling around 445 sketches. The importance of these sketches is that they reveal, in addition to his role as a stylist, a rich source of information on the visual aesthetics of clothing from different times, and also, thanks to the samples of fabrics existing in several sketches, what we can call index of the production of the textile industry in Brazil during the period in which Gorovitz worked as a fashion stylist. Mona was responsible for the fashion editorial and creator of collections for *Claudia* magazine, in addition to having created several costumes for television shows, films and singers of the time. There are few references about Mona Gorovitz's trajectory as a fashion stylist. Thus, this article becomes of great importance for the construction of a reference on her trajectory.

Keywords: Mona Gorovitz. Stylist. Fashion. 60's.

1 INTRODUÇÃO

Podemos começar este artigo com a colocação de Camile Paglia (2014, p. 11), quando esta diz: “A questão mais importante acerca da arte é: o que permanece, e por quê?”

Mona Gorovitz (Cruz Alta – RS, 1937) mudou-se muito jovem com sua família para a cidade de São Paulo, onde frequentou os cursos de desenho do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), com Alfredo Volpi (1896 – 1988) e Eleonore Koch (1926 – 2018), e aulas de desenho com Pedro Corona (1897 – 1972). Frequentou, posteriormente, o curso de arquitetura da Universidade Mackenzie (SP), o ateliê Demetrios Galanis (1879 – 1966), em Paris (França), e fez cursos de cerâmica em diversos ateliês na França, Itália e Israel. Estagiou em centros de arte e de pintura em Colônia, Bonn, Berlim, Ulm e Stuttgart (Alemanha).

Artista visual, Mona Gorovitz participou de vários salões de arte como pintora, gravurista, desenhista e ceramista, entre os anos de 1958 e 1988, e de duas Bienais Internacionais de São Paulo – V e IX, em 1959 e 1967, respectivamente, além da significativa exposição Nova Objetividade Brasileira, em 1967, na cidade do Rio de Janeiro.

As questões da feminilidade sempre estiveram presentes nas obras artísticas de Mona Gorovitz. O uso de peças da indumentária feminina funcionou como depósito de subjetivação erótica do gênero feminino. Para a pesquisadora Talita Trizoli (2018, pág. 280), esta característica do fazer artístico de Mona Gorovitz afirma que:

Meias-calças que vazam do suporte, quase suspensas ao vento, calcinhas e sutiãs fixados por alfinetes e fitas de renda e cetim que envolvem e entrelaçam os tecidos indicam uma condicionalidade da sedução feminina submetida aos padrões de idealização erótica, a partir da articulação de objetos, vestimentas e adornos tradicionalmente ligados à cultura de embelezamento e aliciamento sexual do gênero feminino.

O acervo artístico – pinturas, desenhos, gravuras e cerâmicas – de Mona Gorovitz é riquíssimo e não possui mais de duas centenas de obras catalogadas. O acesso ao acervo de Mona Gorovitz, tanto o artístico como o de croquis de moda, foi possível graças à concessão de sua irmã mais velha, que possui a guarda desses acervos. Ainda, segundo Trizoli (2018, p. 274), a maioria das informações obtidas sobre Gorovitz são provenientes de “clippings” de jornais e revistas.

Neste artigo, pretendemos ressaltar a trajetória e produção de uma mulher que, com seu potencial artístico, soube, como salienta Susan Sontag (1987, p. 43), objetivar sua arte em uma vontade.

Mona Gorovitz desenvolveu sua atuação profissional como jornalista de moda, ao longo de quase três décadas – paralelamente às suas incursões artísticas –, principalmente na revista feminina *Claudia*, da

editora Abril, que está em circulação desde outubro de 1961. Na revista *Claudia*, Mona Gorovitz exerceu a função de editora de moda (REVISTA CLAUDIA, 1966).

Segundo Gisela Gorovitz (2021), a atividade no jornalismo de moda surge no período em que Mona Gorovitz desenhava criações de moda para a loja Rastro, em São Paulo. Seus primeiros artigos sobre moda foram feitos para o jornal semanal "Shopping News", onde ela era responsável pela página de moda do jornal. E salienta que as duas atividades, jornalismo de moda e a de artista visual, foram desenvolvidas concomitantemente.

Ao longo das décadas de 1950 e 1990, Mona Gorovitz teve uma significativa trajetória como estilista de moda. Ainda na década de 1990, podemos identificar alguns de seus croquis de moda. O seu grande acervo de croquis de moda vai desde o ano de 1958 até o ano de 1994 – somando cerca de 445 de croquis de moda. Muitos desses croquis possuem descrições – ora na frente, ora no verso – de mostras de tecidos, detalhes da confecção, desenhos de acessórios como bolsas, sapatos, cintos e óculos e sugestões de penteados.

As coleções desenhadas por Gorovitz revelam não só a estética de uma época, como também nos apresentam, através de suas observações e amostras de tecidos em seus croquis, a utilização de materiais até então inéditos na costura e, também, o cenário de produção industrial têxtil nacional.

Existem poucos dados biográficos e imagéticos disponíveis sobre Gorovitz. Uma das fontes mais significativas nos é dada por Talita Trizoli (2018, p. 274) e está mais direcionada para a produção de Gorovitz na área das artes visuais. Segundo a autora:

Muito deste apagamento se deve a uma postura pessoal da artista e de sua família. Razões para tal que residem no campo hipotético, porém, é sabido da recusa da artista em dar declarações, entrevistas e possibilitar o acesso ao seu acervo, tanto artístico como no campo das criações de estilista.

À exceção da tese da pesquisadora Talita Trizoli (2018), que trata em sua pesquisa da trajetória artística de Mona Gorovitz – na qual temos referências a respeito da experiência na área têxtil de Gorovitz que é usada em sua produção na área artística –, muito pouco se tem sobre a trajetória de Mona Gorovitz como estilista de moda.

Encontramos duas referências sobre a trajetória de Mona Gorovitz como estilista de moda. Na dissertação de mestrado de Mitsuko Shitara (2010) e no artigo de Marcos da Costa Braga, Sérgio Régis Moreira Martins e Leilane Rigatto Martins (2018).

Em Shitara (2010, p. 97), há uma referência da participação de Gorovitz como a responsável por um desfile apresentado na FENIT (Feira Nacional da Indústria Têxtil), e patrocinada por duas revistas voltadas

ao público feminino, em que Mitsuko Shitara diz: “A partir de 1966, a moda ganhou mais espaço na feira, primeiro com o stand patrocinado por *Claudia* e *Manequim*, que promoveu desfiles de artista plástica e designer de moda Mona Gorovitz”.

Em Braga, Martins e Martins (2018, p. 140), temos Gorovitz citada como entre os expoentes do design do Brasil na década de 1970 – observe-se que Gorovitz é a única mulher do citado grupo:

Segundo os expoentes do design brasileiro da época, entre eles Ernesto Hauner, Fernando Lemos, Francesc Petit, Mona Gorovitz e Alceu Pena, e mais o crítico de arte Pietro Bardi, na década de 1970, eram poucas as empresas que aceitavam o trabalho do designer brasileiro além da Rhodia.

No mesmo artigo de Braga, Martins e Martins (2018, p. 142), temos um posicionamento de Gorovitz sobre o seu exercício profissional:

Havia certo otimismo relacionado ao trabalho de designer e a moda nos posicionamentos de Mona Gorovitz, pintora, editora e desenhista de moda, e Pietro Bardi, um dos fundadores do MASP. Para Bardi, a atividade de Desenho Industrial da década de 1970 já incluía a moda. Mona Gorovitz articula: ‘o caminho mais árduo já foi percorrido por nós, designers mais antigos’.

Não há nenhum estudo que identifique fases na trajetória de Mona Gorovitz como estilista de moda. O que se pode fazer é agrupar seus croquis em períodos – anos identificados nos originais de seu acervo – e indicações de coleções, figurinos para artistas e eventos.

Chamam a atenção nos croquis de moda de Gorovitz observações onde ela identifica, por exemplo, os vestidos desenhados para as cantoras Elis Regina – um total de seis (6) croquis desenhados no ano de 1966 –, e para Wanderléa, para o programa *Jovem Guarda*, da TV Record, na década de 1960 – um total de nove (9) croquis, dos quais cinco (5) para sua participação no filme “*SSS Contra a Jovem Guarda*” – filme de longa-metragem, de 1966, não finalizado, que tinha no elenco Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa. Para este filme, no acervo de Gorovitz, temos vinte e seis (26) croquis. E, datada do ano de 1966, a coleção *Jovem Guarda*, com setenta e cinco croquis (75), na qual Gorovitz apresenta criações em vestidos, acessórios e roupas de banho. Outra coleção identificada é a “*Estilo Claudia*”, datada de 1966/67, com dez (10) croquis.

Há, ainda, indicações de coleções desenhadas especialmente para lojas como a *Kleptomania*¹ e a loja *Cisne* – ambas coleções sem data. Temos, também, croquis onde há as seguintes informações: América

¹ Loja localizada na rua Augusta, em São Paulo, que estava voltada para a clientela de classe A (SHITARA, 2010, p. 129).

Fabril, FENIT (Feira Nacional da Indústria Têxtil), e Companhia Industrial de Roupas Fainel, também sem data.

Nesse artigo, não iremos analisar estilos ou tendências retratadas por Gorovitz em sua produção. Aqui, queremos apresentar, trazer ao conhecimento, a produção desta estilista de moda pouco conhecida no meio acadêmico. Assim, escolhemos fazer um recorte que compreende os primeiros anos de sua produção, 1958 e 1959, e os anos de 1966 e 1967, período de maior atividade como estilista de moda.

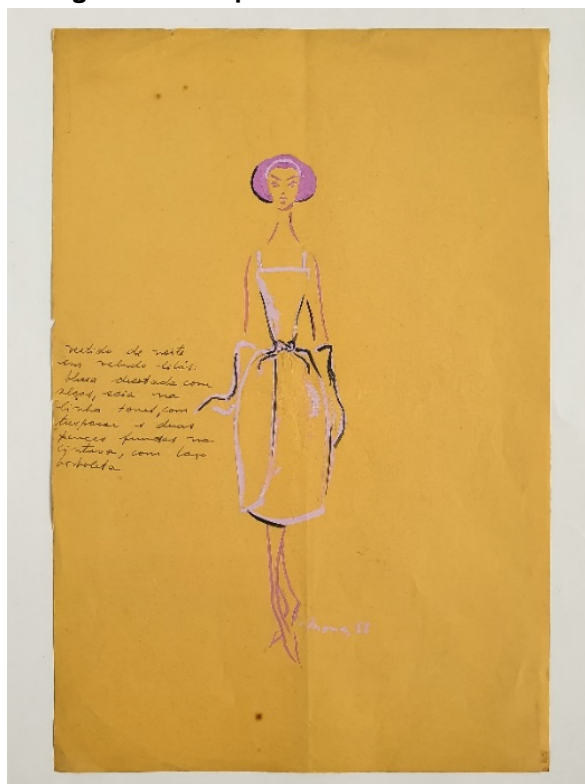
2 UM ACERVO EM MOVIMENTO

São do ano de 1958, quando Mona Gorovitz tinha 21 anos de idade, os primeiros croquis de moda que encontramos em seu acervo. Desse ano, temos no acervo de Mona Gorovitz um total de oitenta e três (83) croquis de moda. Destes, seis (6) são croquis de acessórios e sugestões de cortes de cabelo. Para tanto, destacamos, inicialmente, dois croquis desse ano (Figuras 01 e 02).

Figura 01 – Croqui de moda do ano de 1958



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 02 – Croqui de moda do ano de 1958

Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Observa-se que Gorovitz, nos dois croquis acima, anotava na parte frontal de seus desenhos, com riqueza de detalhes, cor, tipo de tecido, detalhes do corte e acessórios de cada modelo.

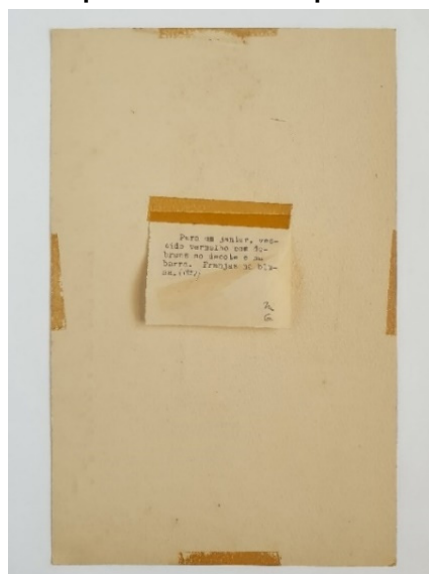
Já nos dois croquis seguintes, Gorovitz utiliza a parte de trás dos desenhos para informar os detalhes de suas criações (Figuras 03, 04, 05 e 06).

Figura 03 – Croqui de moda do ano de 1958



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 04 – Detalhe da parte de trás do croqui de moda do ano de 1958



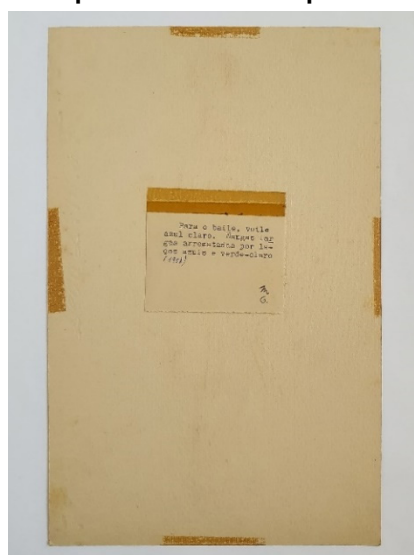
Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 05 – Croqui de moda do ano de 1958



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 06 – Detalhe da parte de trás do croqui de moda do ano de 1958



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

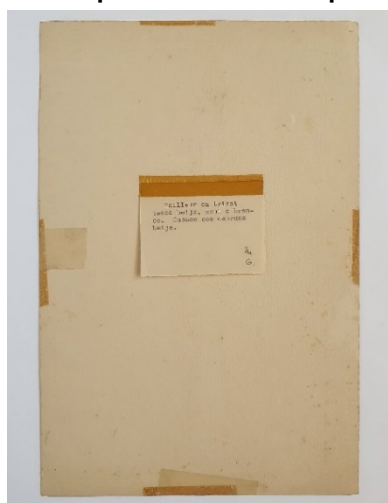
Do ano de 1959, temos no acervo de Gorovitz apenas um croqui de moda, que também apresenta em seu verso detalhes da confecção (Figuras 07 e 08).

Figura 07 – Croqui de moda do ano de 1959



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 08 – Detalhe da parte de trás do croqui de moda do ano de 1959



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

3 A DÉCADA DE OURO

A década de 1960 é marcante para a carreira de Mona Gorovitz como estilista. O ano de 1966 se apresenta como o ano de sua maior atividade profissional. Este é um ano extremamente produtivo para Gorovitz – trabalha na revista *Claudia* como editora de moda, elabora figurinos para cantoras e para programas de tv e filmes e participa de vários eventos na área da moda.

Para Maria Paula Costa (2008), a revista *Claudia* é publicada pelo grupo Civita, a partir de 1961, com o intuito de produzir uma revista para a “mulher moderna”. O expediente utilizado pelo grupo para dar sustentação a sua mulher moderna constou, à época, de entrevistas com algumas das mulheres mais relevantes internacionalmente e sua “autoridade”. Para Jane Fonda, “o sexo desempenha um papel de importância vital nos dias de hoje. É ele quem rege o comportamento da mulher moderna”. Todavia, para Vanessa Redgrave, “na minha opinião, a mulher dos dias de hoje deveria se preocupar com coisas mais importantes do que o sexo ou a solidão individual. [...] que é o abandono, a falta de amor aos nossos semelhantes. A mulher moderna deveria se preocupar mais com isso”. Já Anouk Aimée, “[...] uma mulher precisa ser terna, meiga e prestativa para seu companheiro. [...] Mas estou convencida de que as mulheres de hoje arruínam o que a vida tem a oferecer de melhor, adotando uma atitude competitiva em relação ao homem”. Para Catherine Spaak, “o maior problema que enfrentamos hoje em dia é justamente a solidão”. Nancy Sinatra diz: “[...] O casamento, como instituição, é a única solução viável para a união entre um homem e uma mulher normais”. Ainda, Elke Sommer postulava que “[...] eu poderia dizer que a mulher moderna pode chupar cana e assobiar ao mesmo tempo. Pode trabalhar, ter marido, ter filhos”. Julie Andrews, a noviça nem tão rebelde, afirmava que “eu não me considero uma mulher moderna. Nem quero ser. [...] Continuarei defendendo a moral, a dignidade humana, o respeito entre os seres humanos”. E, finalmente, em linha progressista, Pamella Tiffin afirmava que: “Nós reagimos especialmente à transformação do homem. Ainda vivemos num mundo de homens, em termos masculinos. [...] a mulher que está ao seu lado ou atrás dele – denominada ‘mulher moderna’ – apenas tenta refletir o ‘homem moderno’”.

Em meio a declarações desse rol de celebridades internacionais, é justo afirmar que Mona Gorovitz participou de um projeto de “modernização da mulher brasileira”, que nitidamente passava, à época, por disputas sobre seu papel e lugar na sociedade. Todavia, o lugar ocupado por Mona era um posto avançado dessa disputa no âmbito da indústria cultural – então em formação – brasileira.

A inserção de Mona Gorovitz no cenário da moda ocorre em meio a uma das mais decisivas disputas pela juventude brasileira. Em certa medida, intensificam-se, a partir do início dos anos 1960, a oposição entre interesses nacionalistas e imperialistas — seja na política *strictu sensu*, seja no da cultura, o que

tem sérios reflexos conjunturais desde a II Guerra Mundial, Escritório Rockfeller, mas que recrudescem a partir do governo Juscelino Kubitschek, passando por Jango até a ditadura civil-militar — tendo em vista a disputa por hegemonia de caráter subalterno ou nacional-popular.²

A querela entre a Bossa Nova e o *Rock and roll* foi um viés estético muito explícito, na indústria cultural já televisiva, deste processo. Programas extremamente populares disputaram aguerridamente a juventude brasileira, tendo *O Fino da Bossa* com Elis Regina e Jair Soares a sua frente, enquanto a *Jovem Guarda* era protagonizada por Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderléia, entre outros. Cabe, ainda, destacar o programa “marginal” do Príncipe Ronnie Von, que revelou Os Mutantes. Esse processo que vem a se resolver em certa medida, no âmbito musical, após a Marcha contra a Guitarra Elétrica (1967) e, sobretudo, no Movimento Tropicalista.

Os figurinos criados por Mona Gorovitz, tanto para o *Fino da Bossa*, quanto para a *Jovem Guarda*, são justamente do período de maior disputa, 1966-1967, e que levou o Fino a sua bancarrota. O que se deve ressaltar: Mona Gorovitz participava, no âmbito da moda, de ambos os projetos. Isso demonstra nitidamente o seu peso na indústria cultural.

A hegemonia da *Jovem Guarda* e a consolidação do lê-iê-iê, processo que pode ser visto como viés correspondente da vitória do MEC-Usaid frente ao CPC da Une e ao ISEB na educação, consolida, do ponto de vista da indústria cultural televisiva, interesses imperialistas sobre a cultura brasileira.

Mona Gorovitz participou como figurinista do primeiro filme da *Jovem Guarda*, “*SSS contra a Jovem Guarda*”, não montado, que contava, além do elenco célebre do projeto, com uma equipe notável de produção. O argumento era de Luis Sérgio Person e o roteiro de Jô Soares e Jean-Claude Bernardet. As canções que embalavam a trilha sonora do musical inconcluso eram: Eu te darei o céu, O Calhambeque, Quero que tudo vá pro inferno e É proibido fumar³, alguns dos maiores clássicos do projeto para jovens que exerceu influência sobre toda América Latina; cabe destacar as gravações destas músicas por grupos correspondentes, como Los Yorks, do Peru. Este contexto insere a produção de Mona Gorovitz em lugar

² A concepção de nacional-popular encontra-se difusa em meio à vasta obra de Gramsci escrita no cárcere. De maneira concisa, pode-se depreender na seguinte passagem: “Humanidade ‘autêntica, fundamental’ só pode significar, no campo artístico, uma única coisa: ‘historicidade’, isto é, caráter ‘nacional-popular’ do escritor, ainda que no amplo sentido de ‘socialidade’, mesmo em sentido aristocrático, conquanto que o grupo social que se expressa seja historicamente vivo e o que o ‘vínculo’ social não seja de caráter ‘prático político’ imediato, ou seja, declamatório-moralista, mas sim ético político.” (GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, v. 6, p. 122).

³ <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearc=ID=025972&format=detailed.pft>

destacadíssimo da “cultura Pop” e, por que não, subimperialista brasileira, segundo Rafaela Lunardi (2011).

Deste período, podemos destacar sua coleção para a cantora Elis Regina, que tem na TV Record o programa *O Fino da Bossa*.

No acervo de Gorovitz, existem seis (6) croquis desenhados especialmente para Elis Regina (Figuras 09, 10, 11, 12, 13 e 14).

Figura 09 – Modelo para Elis Regina



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 10 – Modelo para Elis Regina



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 11 – Modelo para Elis Regina



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 12 – Modelo para Elis Regina



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 13 – Modelo para Elis Regina



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 14 – Modelo para Elis Regina



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Outro destaque deste ano são dois croquis feitos para o figurino do filme *“SSS Contra a Jovem Guarda”*, identificado como sendo para uso da cantora Wanderléia (Figuras 15 e 16).

Figura 15 – Modelo para Wanderléia para o filme “SSS Contra a Jovem Guarda”



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 16 – Modelo para Wanderléia para o filme “SSS Contra a Jovem Guarda”



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Destaque desse ano, identificado para a personagem “Ágata”, que deveria ser usado em uma determinada cena do filme “SSS Contra a Jovem Guarda”, temos o croqui abaixo (Figura 17).

Figura 17 – Modelo para a personagem Ágata no filme “SSS Contra a Jovem Guarda”



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Ainda, no ano de 1966, temos uma vasta coleção identificada como “Jovem Guarda”. Nessa coleção, Mona Gorovitz apresenta os tradicionais vestidos, mas inova com a apresentação de roupas de banho – biquínis e maiôs (Figura 18).

Figura 18 – Croqui com roupa de banho**Fonte: Acervo de Mona Gorovitz**

Da coleção "Jovem Guarda", podemos destacar o uso de materiais como o celofane em cores diversas – amarelo, vermelho e até transparente – em alguns modelos (Figuras 19 e 20).

Figura 19 – Croqui de roupa com celofane amarelo**Fonte: Acervo de Mona Gorovitz**

Figura 20 – Croqui de roupa com celofane de várias cores



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Aqui, temos uma criação para menina, o que ressalta a diversidade criativa de Mona Gorovitz (Figura 21).

Figura 21 – Croqui de roupa para menina



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

A coleção "Estilo Claudia" é identificada como sendo dos anos de 66-67. O acervo apresenta dez (10) croquis. Nessa coleção, Gorovitz apresenta a utilização de materiais como lantejoulas e o "vinyl" [grafia da época] em suas criações (Figuras 22, 23 e 24).

Figura 22 – Croqui da coleção Estilo Cláudia



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 23 – Croqui da coleção Estilo Cláudia



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

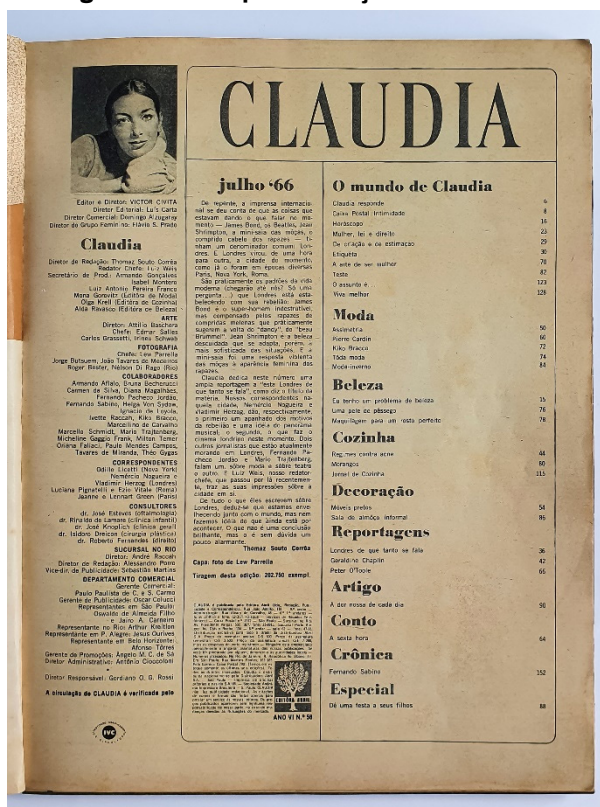
Figura 24 – Croqui da coleção Estilo Cláudia



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

A coleção "Estilo Claudia" ocupa as páginas da revista *Claudia* em sua edição de número 58, ano VI, de julho de 1966 (Figura 25).

Figura 25 – Croqui da coleção Estilo Cláudia



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Nessa coleção, Mona Gorovitz utilizou formas assimétricas nas composições de suas criações (Figuras 26 e 27).

Figura 26 – Coleção “Estilo Claudia”



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

Figura 27 – Coleção “Estilo Cláudia”



Fonte: Acervo de Mona Gorovitz

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando observamos a produção de Gorovitz ao longo do ano de 1966, podemos perceber seu compulsivo ato criativo. Ela atua em várias “frentes”: coleções para lojas, criações exclusivas para artistas, programas de televisão, figurinos de filmes, coleções para eventos de moda nacionais e revistas de moda.

Além de sua atuação como estilista de moda, algumas fontes, aqui citadas, nos indicam a trajetória de Mona Gorovitz no mundo da moda. Como exemplo, temos sua atuação como editora de moda da revista *Claudia*.

Os croquis de moda de Gorovitz são fontes de informações riquíssimas de sua atuação como estilista de moda. Sendo, também, uma rica fonte das informações da estética visual das vestimentas de épocas variadas, e apresenta, ainda, graças às amostras de tecidos existentes em vários croquis, o que podemos chamar de índice ou paleta da produção da indústria têxtil do Brasil ao longo do período em que Gorovitz atuou como estilista de moda.

A partir do vasto acervo dos croquis de moda de Mona Gorovitz, podemos conhecer a potencialidade criativa desta estilista brasileira no cenário nacional da moda na metade da década de 1960.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Marcos da Costa; MARTINS, Sérgio Régis Moreira; MARTINS, Leilane Rigatto. Diálogo entre design, arte e moda e o nascimento dos ideais de projeto e estilismo no Brasil por meio das iniciativas do MASP e da Rhodia. **Revista ENSINARMODE**, Florianópolis, v. 1, n. 1, outubro 2017 - janeiro 2018, p. 122-148. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/25944-630112017122> | ISSN 2594-4630.

COSTA, Maria Paula. **Entre o sonho e o consumo**: as representações femininas na Revista Claudia (1961 – 1985). 2008. 234 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, SP, 2008. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103141/costa_mp_dr_assis.pdf?sequence=1. Acesso em: 22 out. 2022.

GOROVITZ, Gisela. Depoimento [2021]. Entrevistador Airan Milititsky Aguiar. São Paulo – SP. 2021. 2 arquivos. Mp3 (28 minutos cada).

LUNARDI, Rafaela. **Em busca do “Falso Brilhante”**. *Performance* e projeto autoral na trajetória de Elis Regina (Brasil, 1965-1976). 2011. 310 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/>

teses/disponiveis/8/8138/tde-25102011-082846/publi-co/2011_RafaelaLunardi.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

PAGLIA, Camille. **Imagens cintilantes**: uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars. Tradução Roberto Leal Ferreira. 1ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Apicuri, 2014. 224 p.

REVISTA CLAUDIA. São Paulo, SP. Editora Abril, ano VI, n. 58, jul. 1966.

SHITARA, Mitsuko. **1960'**: Nova Iorque, Londres, Paris e São Paulo. 2010. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/13216/1/Mitsuko%20Shitara.pdf>. Acesso em: 04 out. 2022.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Tradução: Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: LP&M, 1987. 350 p.

TRIZOLI, Talita. **Atravessamentos femininos**: um panorama de mulheres artistas no Brasil dos anos 60-70. 2018. 434 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03122018-121223/publico/TALITA_TRIZOLI_rev.pdf. Acesso em: 19 set. 2022.